



ISSN: 1981-0601

V. 15, N. 1, 2022



Recebido em: 12-05-2022 Aprovado em: 14-08-2022 Publicado em: 28-12-2022

DOI: 10.18554/it.v15i1.8431

CONTRIBUIÇÕES DA FONOLOGIA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: EVIDÊNCIA DE PROCESSOS FONOLÓGICOS NA ESCRITA ESCOLAR

CONTRIBUTIONS OF PHONOLOGY TO THE TEACHING OF THE PORTUGUESE LANGUAGE: EVIDENCE OF PHONOLOGICAL PROCESSES IN SCHOOL WRITING

Priscila Marques Toneli¹

RESUMO: Este estudo tem por objetivo discutir como a Fonologia pode auxiliar o professor na compreensão de desvios ortográficos. Partimos da premissa que os desvios são reflexo da fala na escrita e evidenciam a ocorrência de processos fonológicos. Para isso, recortamos neste estudo dois processos, conforme categorização em quatro grupos proposta por Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes (2015): enfraquecimento, reforço e reestruturação silábicas. A análise inclui regras fonológicas que incluem vogais, como a inserção e a epêntese vocálicas, a monotongação, a elevação da vogal átona e a harmonia vocálica. Respaldamos a discussão em estudos fonológicos em teorias gerativas e reconhecemos que a metodologia de análise apresentada por Bortoni-Ricardo (2005) é uma importante ferramenta de pesquisa e de sistematização dos desvios ortográficos. As principais contribuições do presente estudo é apresentar não só ao professor, embora seja nosso foco maior, mas também pesquisadores, as contribuições da Fonologia para o ensino de língua portuguesa, como língua materna.

Palavras-chave: Fonologia; Processos Fonológicos; Desvio ortográfico; Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT: This study aims to discuss how Phonology can assist teachers in understanding orthographic deviations. We start from the premise that these deviations are a reflection of speech in writing and highlight the occurrence of phonological processes. For this purpose, we focus on two processes in this study, based on the categorization into four groups proposed by Seara, Lazzarotto-Volcão, and Nunes (2015): weakening, strengthening and syllabic restructuring. The analysis includes phonological rules involving vowels, such as vowel insertion and epenthesis, monophthongization, raising of unstressed vowels, and vowel harmony. We support the discussion with phonological studies in generative theories and acknowledge that the analysis methodology presented by Bortoni-Ricardo (2005) is an important research and systematization tool for understanding spelling deviations. The main contributions of this study are to present, not only to teachers, though they are our primary focus, but also to researchers, the contributions of Phonology to the teaching of Portuguese as a mother tongue.

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: pmttoneli@gmail.com

Keywords: Phonology; Phonological processes; Orthographic deviations; Teaching Portuguese Language.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo discutir como os estudos em Fonologia pode auxiliar o professor de língua portuguesa, variedade de Português Brasileiro (PB), na análise de desvios ortográficos, principalmente os que afetam vogais, como em “mininu”, justamente por evidenciarem processos fonológicos que ocorrem na oralidade dos estudantes.

Primeiramente, faremos uma breve revisão sobre a consolidação da Fonologia como área da Linguística apresentando as contribuições teóricas a partir das correntes estruturalista e gerativista. Destacamos que a discussão aqui é baseada em vários estudos da área, mas, por opção metodológica, concentraremos a discussão na revisão de três manuais que apresentam uma importante revisão dos estudos fonológicos com exemplos do PB: Cristófaró Silva (2005), Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes (2015) e Garcia-Roberto (2016), além de trazer outras referências clássicas aos estudos sobre as regras fonológicas aqui analisadas para categorizar os processos fonológicos, principalmente da obra de Kailer, Magalhães e Hora (2023) que apresentam trabalhos relacionando Fonética, Fonologia e ensino.

Na sequência, discutiremos uma abordagem teórico-metodológica para o estudo desses fenômenos fonológicos conforme proposta de Bortoni-Ricardo (2005). Vale destacar que este trabalho não tem como objetivo explorar questões específicas de variação linguística e nem do processo de aquisição da escrita. No entanto, a metodologia proposta pela pesquisadora é extremamente relevante para que professores e pesquisadores na área de Fonética e Fonologia que queiram aprofundar seus conhecimentos quanto aos desvios ortográficos.

Ressaltamos que a análise da escrita escolar permite ao professor perceber a interferência da língua falada no processo de aquisição e de consolidação da língua escrita, a qual é um dos objetos da escola. Por fim, reforçaremos a importância da Fonologia e as contribuições que ela oferece ao professor de língua materna nas práticas de ensino na escola básica, principalmente relacionados aos desvios ortográficos.

2 Revisão dos estudos em fonologia e processos fonológicos

A Fonologia enquanto ciência se consolida no século XX e define como objeto de estudo a compreensão da função linguística dos sons das línguas naturais, os quais em contextos fonológicos semelhantes podem distinguir significado. Ou seja, isso pode ser observado quando há pares mínimos - pares de palavras semelhantes que se diferenciam apenas por um som - como em ‘pata’ e ‘bata’ em que a troca dos fones [p] e [b] se distinguem significado de palavra (cf. Cristófaró Silva, 2005; Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão, 2015; Garcia-Roberto, 2016).

Os estudos em Fonética Articulatória - parte da fonética que se preocupa com a produção do som no aparelho fonador - nos permite perceber que nesse caso a diferença entre esses dois sons oclusivos bilabiais e o vozeamento ou não, no caso de [p] as pregas vocais estão relaxadas e o ar passa livremente pela glote, enquanto em [b] elas se fecham e, devido ao ar forçá-las durante a passagem da caixa torácica para a cavidade supraglótica, elas vibram. Ressalvamos aqui que os estudos em Fonologia estão e precisam estar amparados pelos estudos fonéticos, entretanto nosso foco será nas questões mais pertinentes à Fonologia: os processos fonológicos.

Essa pequena diferença articulatória permite que nosso ouvido perceba que esses sons são distintos. Isso porque automaticamente nosso sistema fonológico permite que interpretemos que, nesse contexto fonológico ‘_ata’, a presença de um ou de outro som distingue o significado de palavras, ou seja, estão em oposição fonológica. Esse é o argumento que define tais sons /p, b/ como Fonemas do português.

Esse método de trabalho que classifica sons como fonemas - menor unidade indivisível) - em termos de oposição fonológica tem seu início no denominado Círculo de Linguístico de Praga (1926), liderado principalmente pelos linguistas Nicolai Trubetzkoy e Roman Jakobson. Uma das contribuições dessa escola é justamente mostrar que os sons são elementos constitutivos das palavras e com funções gramaticais claras, assim os separando da Fonética que tinha como objetivo descrever os sons com base nas propriedades acústico-perceptuais e articulatórias, além de ter abrido caminhos aos moldes teóricos que são conhecidos hoje.

Em paralelo ao Círculo de Praga, nos Estados Unidos, surge a Fonêmica, proposta por Edward Sapir e Leonard Bloomfield, a qual tem o objetivo de realizar uma análise cuidadosa dos dados, transcritos foneticamente, levando em consideração o contexto, ou seja, sua distribuição e assim determinar o sistema fonético-fonológico das línguas. A principal contribuição dessa escola é na organização do inventários de sons na descrição de línguas pouco conhecidas e sem gramática como línguas indígenas.

Posteriormente o Gerativismo, iniciado por Noam Chomsky nos EUA, reconhece que a menor unidade indivisível não é o fonema, mas o traço. Tal visão teórica, então, propõe que o fonema é um feixe de traços distintivos que apresenta a dicotomia entre língua (competência) e uso efetivo da língua (performance/ desempenho).

Nessa vertente teórica, a linguística se ocuparia então de compreender e estudar a competência - também chamada na teoria de língua interna que permite os falantes criarem e reconhecerem enunciados por meio de um sistema de regras fonológicas - a partir do seu desempenho - ou língua externa a que o ouvinte tem contato pela externalização do falante. A crítica de Chomsky às teorias anteriores é a de que analisar apenas o desempenho - entendido como várias amostras de fala - não seria o modo mais adequado de propor uma teoria sobre a língua enquanto sistema. Na visão de Chomsky, analisar o desempenho seria uma proposta muito limitada para representar o sistema interno para as estruturas linguísticas, pois representaria poucas possibilidades de uso dessa língua, enquanto estudar a competência seria possível prever a gramática universal.

No modelo de gramática proposto pelo Gerativismo, o foco é no componente sintático, enquanto o componente fonológico é apenas um módulo da arquitetura gramatical, no qual as regras fonológicas geram ou transformam as formas subjacentes (do domínio da competência) em formas de superfície (que são expressas e equivalem ao domínio do desempenho).

Enquanto o Estruturalismo descreve o fonema pelas suas propriedades articulatórias e os distingue por oposição fonológica, o Gerativismo usa o feixe de traços distintivos, de forma binária como positivo (+) ou negativo (-), ou seja, está presente ou não, para descrever os sons que são universais.

São propostas matrizes fonéticas, as quais são compostas também por propriedades articulatórias e são essas combinações que opõem os sons e os distinguem como fonemas. Quando tais traços em uma língua específica promove contrastes lexicais ou define classes naturais, eles são chamados de traços fonológicos.

A título de ilustração, na corrente gerativa, um segmento sonoro como [p] se diferencia pelo traço de (-) vozeado de [b] é (+) vozeado, já que ambos possuem os traços (+) consonantal, (+) anterior e (+) tenso. No modelo gerativo, outros traços da matriz podem ser usados para distinguir sons, por exemplo, para distinguir um [b] de um [d] usam-se os traços, além dos (+) consonantal, (+)

anterior, (+) tenso, (+) vozeado que são iguais nos dois sons, o traço (+) coronal que distingue [d] de [b] que é (-) coronal.

Uma contribuição do Gerativismo para os estudos em Fonologia é justamente a compreensão dos fenômenos sonoros a partir da representação formal de regras fonológicas. O raciocínio usado é partir das regras internalizadas (competência) para o particular em superfície (desempenho), amparado no método dedutivo-empirista em busca de princípios inatos que explicam a competência fonológica.

De modo geral, todos os modelos de análise fonológica se preocupam em estudar a organização da cadeia sonora da fala. O que queremos destacar aqui é que independente do modelo para análise do som o professor precisa desse conhecimento para compreender um desvio ortográfico pode estar motivado um processo fonológico que teve algum traço articulatorio alterado.

Para entender como nossa intuição interpreta e reproduz sons da fala, analisarei o modo como os brasileiros reproduzem uma palavra estrangeira como 'skate' mesmo sem ter conhecimento explícito dessa língua. O inglês possui uma estrutura sonora diferente do português com relação à organização dos segmentos em sílabas e na palavra, como exemplo sílabas iniciadas com segmentos consonantais como [sk] ou terminadas pelo som consonantal como [t] (cf. Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes, 2015).

Nesse caso o falante de português brasileiro adapta a sua pronúncia ao padrão silábico da sua língua, inserindo uma vogal antes da sequência sonora [sk], já que não temos essa sequência em posição de ataque silábico, transformando-a em duas sílabas e inserindo outra vogal após a oclusiva [t], também pelo fato de não termos esse segmento consonantal em posição de coda silábica. Então será gerada forma [is.'kej.ti], que no português passa a ser constituída por três sílabas (o ponto final '.' delimita o limite das sílabas e a aspa simples o acento primário).

Esse exemplo ilustra o que a Fonologia tenta modelar: o modo como o sistema de sons está representado na mente dos falantes. Por isso, abre-se espaço para o surgimento de diferentes modelos de análise fonológica, como exemplo, o modelo teórico para compreensão de uma estrutura para a sílaba. Como novas perguntas e recortes de pesquisa surgem, o Gerativismo então ganha cada vez mais espaço por aliar o método dedutivo, partindo do geral - a competência e suas regras da estrutura subjacente - para o singular - o desempenho com a estrutura de superfície.

2. 1 Revisão sobre os processos fonológicos no PB

A teoria gerativa prevê que o componente fonológico é formado por representações subjacentes e por regras que o definem, as quais irão influenciar o modo como a fala será produzida (superfície - saída fonética).

Quando uma regra altera essa representação subjacente, temos um processo fonológico. Por exemplo, os processos são modificações que ocorrem e afetam morfemas e fonemas ao formar palavras, adicionando, apagando, alterando algum traço/ segmento, e são classificados conforme a alteração feita, isto é, um sistema de regras que relaciona a estrutura profunda de um item lexical à sua estrutura fonética de superfície (cf. Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes, 2015).

Para clarear como funciona o componente fonológico na vertente gerativista, a possibilidade de pronúncia [‘fa.tu], que equivale à forma fonética de superfície, para a palavra ‘fato’, que na estrutura subjacente tem como representação fonológica /’fa.to/. Nesse exemplo, pode se observar que a vogal /o/ na estrutura subjacente é realizada como [u]. Essa alteração sonora é percebida quando se compara os dois níveis subjacente e de superfície a partir das transcrições fonética entre colchetes e fonológica entre barras. Estamos optando por representar foneticamente a vogal final como vogais altas [i, u] e não a semivogal.

A mudança se dá com a vogal pós-tônica em final de palavra [o] que é produzida como vogal alta [u]. Em termos de regra fonológica, tem-se a alteração do traço de altura da vogal que passa de (-) alto a (+) alto. Essa regra fonológica é denominada alteamento ou elevação da vogal pós-tônica em final de palavra e o processo fonológico que ocorre é o enfraquecimento (cf. Bisol, 2003; Silva e Carvalho, 2023).

A obra de Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes (2015) organiza os processos fonológicos em quatro categorias: assimilação, reestruturação silábica, enfraquecimento/ reforço e neutralização.

O enfraquecimento ou reforço ocorre quando os segmentos são modificados de acordo com sua posição na palavra. Por exemplo, quando há o apagamento/ síncope de um segmento como em ‘fósforo’ /’fosforo/ produzido como [‘fosfrw]. Nesse caso, o apagamento ocorre na sílaba posterior à sílaba acentuada, o que por consequência resultará em outro processo fonológico que é a reestruturação silábica.

A reestruturação silábica também pode ocorrer com a inserção de um segmento ou pela permuta de um segmento de uma sílaba a outra. Por exemplo, a forma fonética [lar’.ga.to] apresenta

a permuta do som /r/ da segunda para a primeira sílaba tomando a forma fonológica /la.'garto/ como referência da ocorrência desse processo fonológico. Outro exemplo é a inserção da vogal [i] na palavra 'dez' como representação fonética ['deis] que tem como representação subjacente /'des/. Vale destacar que essa inserção vocálica também é processo de reforço que ocorre em sílabas acentuadas (cf. Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes, 2015; Silva e Carvalho, 2023; Pacheco, 2023).

Outro processo é a assimilação que ocorre quando um segmento se torna semelhante a um segmento vizinho ou próximo, ou seja, assume um dos seus traços distintivos. Isso pode ser observado na palavra 'banana' que pode ser foneticamente pronunciada como [bã.'nã.na] ou como [ba.'nã.na]. Nesse caso, a vogal [a] em contato com o segmento nasal da sílaba seguinte assimila o traço de nasalidade. Outro exemplo é quando a vogal em posição pré-tônica como em 'coruja' /ko'ruja/ pronunciada como [ku'ruja] assimila o traço de altura da vogal tônica [u], passando de média alta à alta (cf. Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes, 2015; Silva e Carvalho, 2023).

A neutralização se dá quando segmentos se fundem em um ambiente específico, como quando ocorre a redução da pauta vocálica das vogais átonas em final de palavra em sílabas pós-tônicas, por exemplo, na palavra 'jure' /'jure/ que pode produzida como ['jure] ou ['jurI] ' em comparação com a palavra 'júri' que é produzida sempre como ['ju.ri]. A neutralização se dá pelo fato de que na palavra 'jure' a vogal /e/ pode ser produzida como [e] ou [i], neutralizando o traço distintivo entre essas vogais, pois a vogal [i] perde a capacidade de distinguir palavras quando se compara com a vogal [e] em 'júri' (cf. Bisol, 2033; Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes, 2015; Silva e Carvalho, 2023).

Para Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes (2015), as quatro categorias de processos fonológicos são descritas por meio de regras, como monotongação, palatalização, vozeamento, inserção vocálica, harmonia vocálica e sândi externo, as quais são formuladas de modo a explicitar quais segmentos foram modificados, quais as modificações que sofreram e sob quais condições. É importante destacar que as mudanças sonoras não necessariamente incluem um único tipo de processo fonológico, tal como exemplificado em 'dez', já que há tanto um processo de reforço vocálico quanto a reestruturação silábica.

Destaco também que o reconhecimento de um processo fonológico ocorre a partir da descrição da regra fonológica que afetou a estrutura fonológica subjacente, conforme prevê a teoria gerativa, e só temos contato com eles pela estrutura fonética de superfície. Nesse sentido, o

reconhecimento e a descrição das regras fonológicas que modificaram as sequências sonoras permitem determinar as condições em que ocorreu um processo fonológico.

Novamente reforçamos a importância do professor ter conhecimento sobre teorias linguísticas como as aqui descritas para que ele reconheça quando um desvio ortográfico tem influência da fala na escrita.

3 A presença de processos fonológicos na escrita e a relação com o ensino

Explicitados os principais conceitos teóricos para a compreensão dos processos fonológicos no PB, passamos a refletir como esses estudos trazem importantes e relevantes contribuições ao ensino de língua materna, com destaque aos desvios ortográficos que evidenciam regras como a monotongação, a ditongação provocada pela epêntese, a harmonia vocálica, a elevação da átona final, fenômenos comuns na escrita de muitos alunos. Entendemos desvio ortográfico quando a grafia da palavra não segue o previsto pela convenção ortográfica proposta na tradição gramatical, a qual será encontrada nos dicionários e gramáticas tradicionais (cf. Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes, 2015; Silva e Carvalho, 2023; De Paula, 2023; Santos e Costa, 2023).

A compreensão desses processos fonológicos é importante também pelo fato de que, durante a aquisição da escrita, enquanto as crianças estão formulando hipóteses sobre a relação som-letra/grafema, as primeiras representações gráficas das palavras evidenciam como a fala é referência para essa etapa, principalmente em situações que um mesmo som pode ter mais de uma forma gráfica para representá-lo ou quando as crianças ainda representam a escrita baseada na fala. Entende-se aqui letra como símbolo gráfico que representa os sons (ou fonemas) de uma língua no sistema de escrita, tendo alguns sons apenas um símbolo que o representa no português como o som [p] representado pela letra ‘p’. O grafema, por outro lado, é mais abrangente do que o conceito de letra, pois pode incluir combinações de letras que representam um único som ou uma ideia linguística como a sequência ‘ss’ que representa o som [s] (cf. Scliar-Cabral, 2003).

Por exemplo, quando uma criança escreve ‘mininu’, a associação que pode ser feita é de que a grafia da palavra é reflexo do seu modo de falar. Então, se na variedade falada pela criança a forma é essa, ele automaticamente reproduz na escrita a palavra dessa forma e não conhece ou vê sentido na forma ortográfica ‘menino’ para representar a palavra. No entanto, se o professor teve contato com conhecimentos teóricos em Fonética e Fonologia, ele poderia perceber que o ‘erro’, ou

seja, desvio ortográfico² do aluno tem uma motivação fonológica e pode sim ter uma relação com a oralidade desse aluno (cf. Bisol, 2003; Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes, 2015; Silva e Carvalho, 2023).

Outro tipo de desvio ortográfico comum é a possibilidade de haver mais de uma letra/grafema para representar um som. No entanto, vou me ater aos desvios ortográficos típicos da escrita que evidenciam processos fonológicos, os quais precisam ser de compreensão do docente para que ele perceba a hipótese de escrita utilizada pelo aluno e possa pensar na melhor intervenção a ser feita.

Bortoni-Ricardo (2005), por exemplo, propõe uma abordagem teórico-metodológica para a análise e para a diagnose de erros de escrita para que depois o docente possa preparar materiais didáticos específicos a fim de atender às necessidades imediatas no processo de ensino de escrita. Embora o modelo por ela proposto seja de natureza sociolinguística, ele permite ao professor observar variáveis morfofonêmicas, entre outros aspectos, e evidencia a ocorrência de processos fonológicos típicos da oralidade dos alunos na escrita. Por esse motivo, ele é um bom subsídio aos professores em sua prática didática para o trabalho com ortografia.

A metodologia de Bortoni-Ricardo inclui preparar uma atividade de escrita em que seja possível o professor ou o pesquisador coletar dados sobre as questões linguísticas que gostaria de observar e analisar para depois. No caso, do professor ter aplicado uma atividade e no processo de avaliação perceber a sistematicidade de um desvio ortográfico também, ele pode aplicar a metodologia de análise proposta pela autora que inclui categorizar os desvios encontrados.

Especificamente, nesse trabalho de (2005), a autora propõe categorizar os erros ortográficos que evidenciam processos fonológicos em 4 grupos: (1) erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita, (2) erros decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas no dialeto estudado, (3) erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais e (4) erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas.

Os três últimos são classificados como erros decorrentes da transposição dos hábitos da fala para a escrita e é nessa simplificação que focaremos minha discussão daqui em diante, já que é nesses erros que podemos observar a ocorrência dos processos fonológicos que serão discutidos.

² Por considerarmos que a língua escrita também contém variação linguística, damos preferência ao termo desvio e não erro.

Neste estudo, não iremos distinguir as três categorias propostas por Bortoni-Ricardo até porque nossa análise está centrada nos processos fonológicos que envolvem vogais.

A partir de um conjunto de dados de escrita coletados pelo professor, ele pode, com base nos seus conhecimentos fonético-fonológicos, organizar os dados e perceber quais processos fonológicos são mais frequentes para depois pensar nas melhores intervenções pedagógicas.

Para a presente discussão, selecionamos dois processos fonológicos: enfraquecimento e reforço e a reestruturação silábica, os quais incluem as regras de monotongação (redução de um ditongo a monotongo como em ‘peixe’ [pexe]) e a inserção ou epêntese vocálica (como em ‘arroz’ [axois]) (cf. Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes, 2015; Silva e Carvalho, 2023; De Paula, 2023; Santos e Costa, 2023; Pacheco, 2023).

Antes de analisar alguns dados, é importante destacar que as regras de monotongação e epêntese (processos de enfraquecimento e reforço) afetam a estrutura da sílaba, provocando o processo de reestruturação silábica. Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) reforçam que a análise a ser feita sobre a estrutura silábica do português brasileiro depende da teoria que será assumida para a organização desse domínio prosódico. No geral ela é vista como uma unidade prosódica e domínio da ocorrência de regras fonológicas e, para a teoria gerativa, ela possui uma estrutura interna - onset/ ataque/ aclave, núcleo/ pico e coda/ declive. Por exemplo, em ‘paz’, tem-se um ataque [p], um núcleo [a] e uma coda [s] (cf. Selkirk, 1982; Nespor e Vogel, 1986; Collischonn, 2001; Pacheco, 2023).

A teoria da sílaba, a partir do que propõem Selkirk (1982), Nespor e Vogel (1986), Collischonn (2001), considera que ela é composta por Núcleo, parte essencial da sílaba e elemento preenchido obrigatoriamente por uma vogal no PB e, em grande parte das línguas, e que define o número de sílabas na palavra; um Onset/ ataque/ aclave, posição pré-nuclear e pré-vocálica não obrigatória que pode ser ocupada por uma (onset simples) ou duas consoantes (onset complexo); e Coda/ declive, posição pós-vocálica não obrigatória que pode ser ocupada por uma (simples) ou mais consoantes e/ ou vogais (complexa).

A partir disso, voltemos a alguns exemplos já citados para explicar como eles podem ser interpretados pela teoria da sílaba. No caso da palavra ‘fósforo’ quando produzida como [‘fos.fro] a palavra que, em sua forma fonológica é composta por três sílabas /’fos.fo.ro/, após sofrer a regra de apagamento do núcleo vocálico na segunda sílaba [fo], sofre reestruturação do ataque [f] que passa a compor um ataque composto com a sílaba seguinte [ro] passando a [fro]. A palavra então em sua

forma fonética [‘fos.fro] passa a ser composta por duas sílabas. Nesse caso, o professor pode observar que, antes da reestruturação silábica, ocorre a regra de apagamento do segmento vocálico que também é núcleo de sílaba, o que ilustra um processo de enfraquecimento silábico em uma sílaba pós-tônica (cf. Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes, 2015; Pacheco, 2023).

Quando analisamos a regra de epêntese na palavra ‘arroz’ que, em sua forma fonológica /a.‘xos/ teria duas sílabas com núcleo simples, após a regra de inserção vocálica, passa a ter um núcleo composto na segunda sílaba [a.‘xoIs], formando um ditongo. Nesse caso, o professor precisa novamente observar que a epêntese configura um processo de reforço que afeta a sílaba tônica, ou seja, a inserção vocálica nesse caso atinge a sílaba que carrega o acento primário (cf. Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes, 2015; Silva e Carvalho, 2023; De Paula, 2023; Santos e Costa, 2023).

Em palavras como ‘peixe’, ‘ouro’ e ‘caixa’, uma regra comum é a monotongação em que ocorre o apagamento da semivogal que constitui um ditongo que pertence à sílaba tônica. Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015) afirmam que essa regra ocorre quando o ditongo ocorre diante de consoantes fricativas e tepe que possuem os traços [+consonantal], [-soante] e [+contínuo]. Além da regra de apagamento que transforma o ditongo em monotongo, ou seja, apenas uma vogal, há reestruturação silábica, já que o núcleo deixa de ser composto e passa a ser simples (cf. Seara, Lazzarotto-Volcão e Nunes, 2015; Silva e Carvalho, 2023; De Paula, 2023; Santos e Costa, 2023; Pacheco, 2023).

Bortoni-Ricardo (2005) e Barbosa (2016) afirmam que, nos casos de desvios ortográficos como os aqui explorados, que há a interferência da língua falada na escrita, processo natural na etapa da alfabetização em que a criança está desenvolvendo a sua consciência fonológica e adquirindo a língua escrita, e isso fica evidente pela identificação dos processos fonológicos aqui debatidos. Entende-se consciência fonológica como a “capacidade metacognitiva de pensar sobre o próprio som a ser produzido em suas diversas fases, ou seja, desde o estímulo cognitivo”, ou seja, é “a capacidade de compreender, refletir e manipular o som em questão a fim de transmitir a informação desejada” segundo Silva Jr. (2023).

Em vista disso, embora reconheçamos que não há um único modo de ensinar, é preciso que o professor conheça o objeto que ensina e saiba refletir sobre ele para poder pensar nos melhores métodos e abordagens de ensino. Por exemplo, quando o professor sabe que o repertório vocálico são de sete vogais orais na posição tônica, cinco na pré-tônica e três na postônica, conhecimento adquirido em cursos de Fonética e Fonologia, ele poderá entender porque alguns alunos escrevem a

palavra ‘menino’ como [mi.ˈni.nu] e que há ali a transposição dos hábitos da fala para a escrita, ou seja, será identificada a influência de um processo fonológico típico da oralidade na grafia dessa palavra.

Nesse exemplo de [mi.ˈni.nu], tem-se o enfraquecimento da pós-tônica da palavra, quando a vogal final da forma fonológica /o/ é produzida como mais alto [u]. Esse processo fonológico de enfraquecimento da vogal átona final afeta não só vogais posteriores como também as anteriores como já exemplificado na palavra ‘jure’ que pode ser realizada como [ˈju.ri]. Neste caso, a regra fonológica é a de elevação da vogal átona no final da palavra.

Outra regra fonológica que ocorre na palavra [mi.ˈni.nu] é a harmonia vocálica na pré-tônica que eleva a vogal [e] que era média alta a [i], que é alta, para harmonizar com a vogal tônica que é alta [i]. Embora não tenha sido o foco deste estudo os processos fonológicos de assimilação, há aqui um fenômeno que afeta vogais átonas e poderiam também configurar como enfraquecimento.

Acreditamos e concordamos com Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão que não há o melhor e um único método para o ensino de língua, mas um bom aproveitamento dos métodos e dos materiais existentes, com um olhar crítico. O importante é o professor ter subsídios linguísticos para levar os alunos a refletir que a escrita das palavras segundo a convenção ortográfica não é biunívoca e pensar estratégias didáticas para trabalhar a convenção em relação às formas variantes linguísticas que emergem na escrita dos estudantes e que evidenciam processos fonológicos típicos da língua falada.

Uma vez levantados os principais desvios ortográficos e feita a reflexão de quais processos fonológicos são mais evidentes e recorrentes, o professor pode propor atividades de intervenção, inclusive aproveitar o trabalho com ortografia para explorar o tema da variação linguística também presente na escrita.

O professor precisa explorar a representação dos sons, fazendo os alunos perceberem que os fonemas são peças que se combinam para formar palavras, mas nem todos os sons são representados por letras e grafemas e nem todas as letras e grafemas representam sempre o mesmo som, além de que a fala pode ter variação em uma mesma palavra, por exemplo, no caso de ‘menino’ que pode variar entre [mi.ˈni.nu], [me.ˈni.nu] e [me.ˈni.no]. O consenso nas formas de alfabetizar e ensinar leitura está no estabelecimento da relação dos grafemas com os fonemas e definir o objetivo da leitura que é compreender o texto e não apenas decodificar.

Conclusão

Este trabalho discutiu como os conhecimentos em Fonética e Fonologia a partir dos estudos na área podem auxiliar os professores de língua portuguesa, na análise de desvios ortográficos e desse modo pensar em intervenções didáticas para o ensino da modalidade escrita formal da língua materna.

Nosso objetivo central consistiu em evidenciar que os desvios, com foco naqueles que envolviam vogais, como em “mininu”, são reflexos da interferência da fala na escrita e evidenciam a ocorrência de processos fonológicos presentes na oralidade dos estudantes. Para isso fizemos uma breve revisão bibliográfica, de modo que ela também seja material bibliográfico básico para professores e pesquisadores que desejem aprofundar nos estudos que utilizam a Fonética e a Fonologia para compreender fenômenos ligados ao ensino.

Por fim, reforçamos novamente a importância de conhecimentos na área para auxiliar na explicitação dos processos fonológicos e, a partir disso, propor intervenções didáticas. É preciso que o professor considere que a escrita com desvios ortográficos representa o desempenho do aluno em relação à competência internalizada para a representação gráfica das palavras. Ou seja, partindo do princípio que a escrita desviante evidencia processos fonológicos típicos da fala (o que equivale à forma fonética no desempenho), o professor deve tentar alcançar a competência, ou seja, aproximar o aluno da forma fonológica que seria próxima da escrita conforme a convenção ortográfica. Temos ciência que a forma fonológica também não é biunívoca à convenção ortográfica, no entanto é nela que o professor precisa se basear para desenvolver a consciência fonológica para o ensino de ortografia.

Referências

- BARBOSA, J. B. Meu aluno escreve “peixe”! Contribuições da Fonologia para entender desvios de escrita. Ensino de português e linguística: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 33-48.
- BISOL, L. A neutralização das átonas. Revista Letras, Curitiba, n. 61, especial, p. 273-283, 2003. Editora UFPR.
- BISOL, L. A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 31, n. 1, p. 185-205, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/delta/v31n1/0102-4450>. Acesso em: 29 jul. 2022.

BORTONI-RICARDO, S. M. Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAMARA JUNIOR, J. M. Estrutura da língua portuguesa. 46. ed. Petrópolis: Vozes, 2014 (1970).

COLLISHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). Introdução a estudos de fonologia do português. 5. ed. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2010. p.99-131.

CRISTÓFARO-SILVA, T. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 7. ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

DE PAULA, A. Ditongos: delimitação, variação e ensino. In: KAILER, D. A.; MAGALHÃES, J.; HORA, D. da (org.). Fonologia e variação: Diretrizes para o ensino. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 117-133.

GARCIA-ROBERTO, M. Fonologia, fonética e ensino. guia introdutório. São Paulo: Parábola, 2016.

KAILER, D. A.; MAGALHÃES, J.; HORA, D. da (org.). Fonologia e variação: Diretrizes para o ensino. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

NESPOR, M.; VOGEL, I. Prosodic phonology. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PACHECO, V. Sílaba, variação e ensino. In: KAILER, D. A.; MAGALHÃES, J.; HORA, D. da (org.). Fonologia e variação: Diretrizes para o ensino. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 249-276.

SANTOS, G.; COSTA, G. B.. Monotongação na escrita de estudantes do ensino fundamental. In: KAILER, D. A.; MAGALHÃES, J.; HORA, D. da (org.). Fonologia e variação: Diretrizes para o ensino. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 135-158.

SCLIAR-CABRAL, L. Guia prático de alfabetização, baseado em princípios do sistema alfabético do português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2003.

SEARA, I.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. Para conhecer: fonética e fonologia do português brasileiro. São Paulo.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H; SMITH, V. (org.). The structure phonological representations Dordrecht: Foris, 1982. Part II, p. 337-383.: Contexto, 2015.

SILVA, A. N.; CARVALHO, L. S. Os segmentos vocálicos e os processos fonológicos: Implicações para o ensino de Língua Portuguesa. In: KAILER, D. A.; MAGALHÃES, J.; HORA, D. da (org.). Fonologia e variação: Diretrizes para o ensino. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 85-115.



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2022 Aprovado em: 14-08-2022 Publicado em: 28-12-2022
DOI: 10.18554/it.v15i1.8431

SILVA JR, L. J. Fonética. In: KAILER, D. A.; MAGALHÃES, J.; HORA, D. da (org.). Fonologia e variação: Diretrizes para o ensino. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 31-55.